

O JUIZ E O SEU LUGAR: IMPASSES NA DEFINIÇÃO DE CRÍTICA MODERNA NA *QUERELLE SUR HOMÈRE*

THE JUDGE AND HIS PLACE: DEADLOCKS IN THE DEFINITION OF MODERN CRITICISM IN THE *QUERELLE SUR HOMÈRE*

Thiago Santana*

* thn.santana@gmail.com
Mestrando na Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, Minas Gerais).

RESUMO: Questionar-se a respeito da definição de crítica moderna, bem como da ocasião de seu surgimento, levanta problemas de ordem histórica e conceitual relacionados ao sentido atribuído a cada um dos dois termos desde há, pelo menos, três séculos. A Querelle des Anciens et Modernes e, mais especificamente, seu desdobramento na Querelle sur Homère, constituem lugares privilegiados para esse tipo de questionamento por sistematizarem posições contrastantes na avaliação da tradição, além de deixarem entrever os problemas na própria atividade crítica. Este estudo buscará examinar as possibilidades de periodização da modernidade crítica a partir dessas polêmicas e as formas através das quais tais controvérsias puderam apresentar-se de maneiras tão discrepantes pelos especialistas, a depender do olhar lançado a elas. O objetivo geral será, portanto, revisar o lugar da Querelle na historiografia da crítica a partir dessa diferença de perspectivas, a saber: a controvérsia segundo os fundamentos críticos, isto é, a doutrina classicista, ou segundo a constituição de uma esfera pública literária moderna.

PALAVRAS-CHAVE: Querela; Crítica; Modernidade.

ABSTRACT: Asking about the definition of modern criticism, as well as the occasion of its emergence, raises problems of a historical and conceptual order related to the meaning attributed to each of the two terms for at least three centuries. The Querelle des Anciens et Modernes and, more specifically, its unfolding in the Querelle sur Homère, are privileged places for this kind of questioning by a systematizing contrasting positions in the evaluation of tradition, in addition to letting them glimpse problems in their own critical activity. This study will seek to examine the possibilities of the periodization of critical modernity from these polemics and the ways in which such controversies could be presented in such dissimilar ways by specialists, depending on the gaze cast upon them. The general objective will be, therefore, to review the place of the Querelles in the historiography of criticism from this difference of perspectives, namely: the controversy according to the critical foundations, that is, the classicist doctrine, or according to the constitution of a modern literary public sphere.

KEYWORDS: Quarrel; Criticism; Modernity.

INTRODUÇÃO

As *Réflexions sur la critique*, de Houdar de La Motte, foram publicadas pela primeira vez em 1716. A finalidade do autor era defender-se dos ataques direcionados a ele por Mme. Dacier em seu *Des causes de la corruption du goût*, de 1714, escrito em resposta, por sua vez, ao *Discours sur Homère* que antecedia a tradução da *Iliada* realizada por La Motte também em 1714. O início do debate se deu em razão da insatisfação deste com a tradução da mesma *Iliada* empreendida por Dacier em 1711. Era preciso, segundo ele, corrigir os defeitos poéticos de Homero – elencados, todos, em diversas categorias no *Discours sur Homère* – ao traduzi-lo para o francês. A tradução de La Motte (que não sabia grego e utilizou por base uma tradução prévia em latim) descartou 12 dos 24 cantos da *Iliada*, com a justificativa de “civilizar” o poeta grego. Teve início, a partir disso, a controvérsia conhecida como *Querelle sur Homère*, e seus protagonistas – La Motte, como detrator e Dacier como defensora dos antigos – se engajaram, entre 1714 e 1720, numa disputa pela legitimidade da herança de Homero no século XVIII. Além disso, a disputa reacendeu o debate iniciado em função da leitura pública, em 1684, do poema *Le siècle de Louis le Grand*, de Charles Perrault na Academia Francesa que inaugurou, ao menos simbolicamente, a famosa *Querelle des Anciens et Modernes*.

Esta querela, maior e com mais implicações – basta lembrarmos-nos de que estava em jogo não apenas a qualidade da poesia antiga ou moderna, mas também da pintura, arquitetura, ciência etc. – e da qual a *Querelle sur Homère* representa um momento, arrefecia com o andar da década 90 do século XVII. É possível constatá-lo resgatando brevemente a cronologia de publicação dos textos mais importantes. Após a leitura de *Le siècle de Louis le Grand* em 1687, muitas foram as respostas favoráveis ou contrárias às ideias de Perrault ao longo dos anos seguintes, das quais destaco o *Discours sur les anciens* (1688) de Longepierre, uma longa sessão de *Les caractères* (1688), de La Bruyère, a *Épître à Huet* (1687), de La Fontaine e a *Digression sur les Anciens et les Modernes* (1687), de Fontenelle. Na década de 90, no entanto, destaca-se o pouco lembrado *Sur la dispute touchant les Anciens et les Modernes* (1692), de Saint-Evremond, as *Refléxions sur Longin* (1694), do próprio Boileau e o monumental *Dictionnaire historique e critique* (1695-1697), de Pierre Bayle. Entre a segunda metade da década de 90 e a tradução da *Iliada* de Dacier, em 1711, o debate esfriara. O contraste com os anos imediatamente após sua publicação é flagrante: a tradução de La Motte e seu *Discours sur Homère*, os gatilhos da nova fase da *Querelle*, são de 1714; depois, destacam-se a *Des causes de la corruption du goût* (1714), da própria Dacier, as *Lettres à l'Académie* (1714) e as *Lettres sur l'occupation de l'Académie* (1716)

de Fénelon, as *Réflexions sur la critique* (1715) também de La Motte, a *Dissertation critique sur l'Iliade d'Homere* (1715) de Jean Terrasson, as *Conjectures académiques, ou dissertation sur l'Iliade* (1715), de Abbé d'Aubignac, e o *Examen pacifique de la querelle de Madame Dacier e Monsieur de la Motte* (1716).

É possível notar, portanto, na própria quantidade de textos inseridos no debate publicados entre 1714 e 1716 uma grande retomada no interesse pelo assunto. Acredito que a razão para esta retomada reside justamente na postura de La Motte e de seus correligionários *Modernes* no que diz respeito à autoridade de Homero. Não se trata, evidentemente, de uma postura essencialmente original. Desde, pelo menos, os anos de Richelieu, a crítica classicista na França conheceu momentos de questionamento em relação à tradição clássica.¹ *A diferença, contudo, destes casos para a Querelle sur Homère está no fato de que nesta ocorre uma sistematização do questionamento da autoridade através da própria autocompreensão do crítico.*

Este artigo terá por objetivo discutir o lugar atribuído à *Querelle des Anciens et Modernes*, de maneira geral, e à *Querelle sur Homère*, especificamente, na historiografia da crítica pelos estudiosos contemporâneos a partir dessa autocompreensão. Por se tratar de uma controvérsia ocorrida no coração do classicismo e no seu período de maior

expressão, isto é, na França sob o reinado de Luís XIV, muitos são os problemas levantados pela própria tentativa de periodização. Isso porque a definição da “antiguidade dos *Anciens*” e a “modernidade dos *Modernes*” – expressões que, segundo compreendo, determinam fundamentalmente o lugar atribuído ao debate na historiografia da crítica – é atravessada pelo tipo de olhar lançado à questão.

Distinguiremos, em primeiro lugar, dois desses olhares a partir dos quais se torna possível situar a *Querelle* em relação ao panorama da crítica em sua transição para a modernidade. Por um lado, grande parte dos estudos sobre a controvérsia a encara segundo os *fundamentos* a partir dos quais se realizava o julgamento das obras, isto é, a doutrina classicista, avaliando a disputa, em decorrência disso, de uma maneira específica a que me aterei adiante. Há, entretanto, outras abordagens, das quais sublinharei uma: a *Querelle* compreendida a partir da *autonomia do crítico e da constituição de uma esfera literária de julgamento independente*. Buscarei, a partir disso, delinear a maneira através da qual tal distinção contribui para a localização da *Querelle* na história da crítica, e propor, assim, uma revisão desse lugar.

A QUERELLE NA HISTÓRIA DA CRÍTICA

No importante *The shock of the ancient*, publicado em 2011, Larry Norman identifica uma posição flagrantemente

1. A respeito deste assunto, ver: FUMAROLI. *La querelle des Anciens et des Modernes*, especialmente os subcapítulos “La Querelle et sa dramatisation progressive en France” e “La Querelle en France sous Richelieu”.

teleológica nas interpretações comuns da controvérsia. Isso porque a maior parte dos trabalhos publicados em relação à *Querelle* não apenas explora o aspecto insurgente do combate à tradição como também, em muitos momentos, toma lado e atribui contornos ideológicos ao conflito. De modo que, nesses estudos, vincula-se aos *Anciens* um conservadorismo poético que se nega a reconhecer os autores do próprio tempo – isto é, da segunda metade do século XVII e do início do XVIII – como dignos de obras tão ou mais notáveis que aquelas da Antiguidade. Por outro lado, identifica-se no lado moderno a revolta redentora para com a tradição algo opressiva da Grécia e Roma antigas – revolta esta que antecipa e abre caminho para as grandes insurreições do fim do século XVIII. Outra leitura, segundo Norman, trata o assunto de maneira justamente oposta a esta: aos Antigos atribui-se a antecipação da crítica à “obsessão de si” relacionada ao tempo presente. Os estudiosos contemporâneos que representam de maneira paradigmática uma e outra posição seriam, respectivamente, Joan DeJean e Marc Fumaroli.

De fato, em *Ancients against Moderns*, de 1997, DeJean identifica nos partidários *Modernes* um ímpeto em direção ao abandono dos critérios clássicos que antecipa de certo modo a relativização historicista da modernidade crítica. Nas palavras da crítica,

[c]om certeza em nenhum momento anterior na França houvera uma cisma tão clara entre duas visões diametralmente opostas do comentário literário e de seus objetivos. Em um campo, Dacier e os Antigos exaltam um processo fundado na autoridade absoluta do crítico, com o objetivo claramente circunscrito de recuperar cápsulas da realidade perfeitamente preservadas. No outro campo, Houdar de La Motte e os Modernos engatinham com maior ou menor sucesso em direção a uma crítica que entendiam como racional e relativa ao mesmo tempo, uma crítica que reconhecia a percepção individual ao invés de um acesso sem mediador à realidade como seu valor fundador. A posição Moderna deixou por legado uma posição mais conhecida e brilhante: ajudou a fundar a teoria estética que, nas mãos de seus praticantes desde Du Bos até Diderot, foi uma das glórias do pensamento iluminista.²

Além disso, DeJean também traça um paralelo da controvérsia com as Guerras Culturais ocorridas nas universidades norte-americanas no fim do século XX. O subtítulo do estudo, nesse sentido, é paradigmático: *The Cultural Wars and the construction of a fin de siècle*. Trata-se, portanto, para Norman, de um estudo que projeta em último caso um aspecto formal do debate, isto é, defensores dos modernos contra aqueles dos antigos, sobre outra polêmica,

2. DEJEAN. *Antigos contra modernos*, p. 154.

escamoteando o conteúdo, os fundamentos e as especificidades de cada um deles.

Fumaroli, por outro lado, representaria a outra tendência. Nas últimas páginas de sua introdução a uma coletânea de textos seminais da *Querelle* ele justifica a partir de Jonathan Swift a utilização das imagens do título – as *abeilles* e as *araignées*: “As abelhas simbolizam a poesia e a eloquência, alimentadas pelas melhores fontes, e espalham a doce cera do ornamento a serviço da luminosa sabedoria do mel”. As aranhas, por outro lado, vivem nos cantos escuros e dependem dos próprios excrementos para a sobrevivência. Há de se notar, contudo, a utilização *sui generis* das imagens por Swift retomada por Fumaroli. Este afirma que

[...] Swift enfatizava por contraste a face sombria de uma modernidade racionalista, dogmática e narcisista: atrofia da memória, negação das riquezas herdadas, violência cerebral e predatória infligida à Natureza e à Humanidade sob o pretexto da objetividade positiva, esterilidade funesta velada pela abundância enganosa de avanços e produções técnicas. A luz brilhante projetada por Swift nas profundezas da querela posicionava os Antigos do lado das artes, do espírito de delicadeza e de uma atitude generosamente artística frente à vida.³

Para Norman, Fumaroli simpatiza-se com os Antigos exatamente por posicionarem-se tanto contra as pretensões totalizadoras do racionalismo seiscentista quanto contra a “auto-obsessão hermética da modernidade”.

O crítico americano resume, enfim, as duas posições:

Estes ensaios tornam-se casos convincentes para sua causa. Entretanto, as respostas parecem tão nítidas, e as escalas tão bem definidas, que ficamos imaginando como mentes sérias poderiam dedicar tanto tempo e energia intelectual ao problema, ou mesmo ousar manter uma posição razoável em oposição àquelas apresentadas.⁴

Tais formas de lidar com a controvérsia, para ele, retiraram o que há de específico na *Querelle* ao tornar gratuita a antinomia “modernidade *versus* antiguidade” específica para o momento, isto é, o final do século XVII e início do XVIII, na história da crítica. A posição dos *Anciens* e dos *Modernes* toma contornos tão bem definidos que se torna mesmo ideológica, de maneira que passa a ser possível transportar o debate para qualquer contexto em que noções tradicionais sejam confrontadas de maneira sistemática. No entanto, Norman não pretende que as ideias da *Querelle* não tenham sido decisivas para a crítica nos séculos subsequentes. Trata-se apenas do fato de que seus participantes

3. Tradução minha. No original : “[...] Swift faisait valoir par contraste la face d’ombre d’une modernité à la fois rationaliste, dogmatique et narcissique: atrophie de la mémoire, négation des richesses héritées, violence toute cérébrale et prédatrice infligée à la Nature et à l’Humanité sous couleur d’objectivité positive, stérilité funeste voilée sous la surabondance trompeuse des réussites et des productions de la technique. La vive lumière projetée ainsi par Swift sur les profondeurs de la Querelle rangeait les Anciens du côté des arts, de l’esprit de finesse, et d’une attitude généreusement artiste devant la vie.” (FUMAROLI. *Le sablier renversé*, p. 218).

4. Tradução minha. No original: “These essays make compelling cases for their cause; however, the answers appear so clear-cut, and the scales so tilted, that we are left wondering how serious minds could devote so much time and intellectual energy to the problem, or even dare to maintain a reasonable position in opposition to those presented.” (NORMAN, *The shock of the ancient*, p. 13).

não podem ser compreendidos imediatamente como os antecessores espirituais de figuras surgidas séculos depois.

A posição defendida por Larry Norman parte, segundo Luiz César de Sá Júnior, de uma tentativa de tornar menos homogêneos os dois lados da polêmica. Partindo da defesa de Homero realizada por Anne Dacier (associada aos *Anciens*), dos ataques empreendidos por Houdar de La Motte (de maneira semelhante, aos *Modernes*), Norman argumenta que a posição da primeira pode ser relativizada a partir dos seus critérios. O ponto central do argumento do estudioso é que Dacier, ao invés de buscar rebater diretamente as críticas de La Motte através do apontamento de atributos universais – procedimento utilizado pelos partidários dos Modernos –, preferiu “elogiar as particularidades do tempo por ele vivido, desconectando-o dos leitores.”⁵ Além disso,

ao fazê-lo, transformava Homero em modelo de combate contra o que julgava serem as mazelas culturais de seu próprio tempo, questionando os parâmetros tradicionais da autoridade a ele conferida. O “barbarismo” de Homero era bem-vindo porque permitia aos “modernos” experimentar “sentimentos” completamente diferentes daqueles que prevaleciam na corte.⁶

Apreende-se do estudo de Norman que as posições historicamente atribuídas ao partido Antigo podem ser apreendidas tal qual o que hoje se tem por *modernas* em crítica. Importante para o meu argumento é a maneira como Norman demonstra isso. O autor escrutina os textos da *Querelle* justamente segundo os fundamentos a partir dos quais os participantes lançam mão de seus argumentos. O *télos* romântico, para o autor, envia o olhar dos historiadores justamente por fazê-los buscar nos textos os critérios de julgamento a serem consagrados quase um século depois. Em outras palavras, Norman demonstra como, ao contrário do que essa postura em relação ao debate pode fazer crer, os dois lados partem dos mesmos princípios, qual seja, o cânone crítico classicista, justamente por pertencerem a uma mesma *episteme* clássico-humanista. Paradigmática neste sentido é a leitura de Homero realizada por Anne Dacier segundo a chave do sublime – *Do sublime*, de Longino, fora traduzido e comentado em 1674 por Boileau –, definido a partir do efeito como um *je ne sais quoi*. Esse gesto, por exemplo, isentava “Homero de uma ‘lógica’” e transformava-o “no poeta mais perfeito, pura inspiração heroica, ou, como colocava Boileau, num receptáculo de ‘obscuridade elegante e majestosa’”.⁷ Longino isentava-o, portanto, da estreiteza estético-moral defendida por La Motte, seu adversário, que, partindo de comentadores de Horácio,

5. SÁ JÚNIOR. *A querela dos antigos e modernos: panorama historiográfico*, p. 510.

6. SÁ JÚNIOR. *A querela dos antigos e modernos: panorama historiográfico*, p. 509.

7. NORMAN. *The shock of the ancient*, p. 193-196 *apud* SÁ JÚNIOR, *A querela dos antigos e modernos: panorama historiográfico*, p. 510.

condenava, por exemplo, a brutalidade de Aquiles. Um e outro lado, em suma, sustentavam suas posições a partir da tradição crítica clássica, bem como dos seus comentadores.

No Brasil, Sônia Lacerda, partindo da construção da imagem de Homero em diversos momentos do século XVIII, chega a conclusões semelhantes às que chegou Norman. Torna-se difícil pontuar definitivamente a antiguidade ou modernidade dos dois partidos justamente por seu co-pertencimento ao contexto do classicismo francês que marcava a Academia Francesa e a *République des Lettres*, onde o debate tomara lugar. É possível vê-lo com clareza, por exemplo, na estreiteza moral que os dois lados compartilhavam no julgamento de Homero:

No fundo, também os *anciens*, que compartilhavam com os modernos e os *philosophes* os princípios da poética clássica (ainda que divergissem deles quanto ao ideal de saber e à noção de aperfeiçoamento histórico), embaraçavam-se diante dos traços da épica homérica irreconciliáveis com a moral e a lógica modernas. Terrasson muitas vezes teve fundados motivos para acusá-los de “prevenção” e denunciar os malabarismos interpretativos a que se entregavam a fim de camuflar ou fugir ao sentido daquilo que, nos caracteres, imagens e ficções do poeta, chocavam sua fé, seu gosto ou seus sentimentos. Essa era a razão pela qual, embora exaltassem

a *Iliada* e a *Odisseia* (sobretudo a primeira) como modelos do gênero, mostravam-se mais aptos a justificar os supostos absurdos cometidos por Homero que a explicar suas qualidades poéticas. E ainda que não o declarasse abertamente, a maioria apreciava mais a regularidade, o decoro e a elegância de expressão virgilianos à exuberante fantasia e à anômala estrutura da narrativa homérica.⁸

Estes estudos revelam que as tentativas recentes de definição do lugar da *Querelle* na história da crítica a partir da natureza e fundamento dos argumentos tornaram possíveis duas maneiras de compreendê-la. A primeira, cujos exemplos são, justamente, o estudo de Norman e o de Lacerda, torna difícil afirmar categoricamente a modernidade ou antiguidade do debate quando inserido na história da crítica de modo geral devido à mesma *episteme* clássica a que pertenciam os dois lados da disputa. A segunda, enfatizando a flexibilização da doutrina clássica de um ou outro lado da controvérsia, tende a eleger um partido como o mais tipicamente moderno. No entanto, é fundamental esclarecer a natureza dessa flexibilização: trata-se não do seu abandono, mas da possibilidade de uma reinterpretação original e modernizada de determinados autores a partir mesmo da tradição. Aristóteles, Horácio e sobretudo Longino dão nestes estudos respaldo para a relativização

8. LACERDA. *Metamorfoses de Homero*, p. 150.

dos próprios princípios críticos do classicismo. Esse é, num saldo geral, o caso do estudo de Fumaroli sobre a *Querelle*.

Não é o mesmo caso do estudo de DeJean. *Este, ao contrário, busca programaticamente relacionar a modernidade dos Modernes ao modelo de esfera pública que nascia no século XVIII*. A acusação de Norman a respeito desse estudo ignora, contudo, este aspecto. A relativização da doutrina clássica da *Querelle*, conforme teorizada por DeJean, deriva exatamente da modificação na estrutura de julgamento das obras.

Afirmo que a autora busca “programaticamente” realizar seu estudo a partir do modelo de esfera pública moderno porque este projeto é anunciado no início de um dos seus capítulos – e partindo do *Strukturwandel der Öffentlichkeit* [Mudança estrutural da esfera pública] (1962), de Jürgen Habermas. Ela pontua, contudo, três divergências em relação ao estudo do filósofo alemão:

Primeiro pretendo demonstrar que o desenvolvimento de uma cultura pública crítica já tivera lugar antes do lançamento do iluminismo. E ainda, que a esfera pública literária foi, tanto quanto a esfera pública política, em sua origem, um fenômeno francês. Por fim, espero mostrar que a primeira esfera pública estava longe de ser um fenômeno totalmente

burguês. Ao contrário, a situação durante os anos após a Fronda, a segunda metade do século XVII, foi muito parecida com aquela ao final do iluminismo, quando aristocratas politicamente liberais de início apoiaram e auxiliaram a fomentar a Revolução. No caso do exemplo do século XVII, intelectualmente (e com frequência, também politicamente), os aristocratas liberais ajudaram a iniciar o processo da democratização do gosto e da opinião que foi um princípio fundador das Guerras Culturais.⁹

A intuição da estudiosa de que a *Querelle* foi um fenômeno que dizia respeito a uma esfera de julgamento literário é original e importantíssima. Ela peca, entretanto, segundo avalio, na conclusão primeira decorrente da formação dessa esfera. DeJean atribui à dicotomia sociológica aristocracia *versus* burguesia¹⁰ (ou, num salto metonímico, *cour versus ville*¹¹) a razão mais profunda de sua argumentação – e conclui, em decorrência disso, que a formação da esfera pública de julgamento moderna democratizou a atividade crítica a ponto de relativizar os fundamentos a princípio universais da doutrina classicista.

Demonstrarei adiante em La Motte e em Dacier, ao contrário, uma implicação de outra natureza: tratava-se, sim, de uma modificação na esfera de avaliação das obras, mas circunscrita, por outro lado, não a categorias sociológicas, *mas à*

9. DEJEAN. *Antigos contra modernos*, p. 70-71.

10. Sobre a relação entre a produção e crítica de poesia segundo tais categorias, ver: ELIAS. *A sociedade de corte*.

11. A respeito desta dicotomia, ver: AUERBACH. *La Cour et la Ville*.

compreensão (ou auto-compreensão) do lugar da crítica (ou do crítico) na République des Lettres. A consequência do que, segundo minha percepção, se trata de um equívoco (possivelmente derivado do próprio trabalho do Habermas) é a conclusão de que os periódicos franceses de crítica literária – notadamente o *Le Mercure galant*, no trabalho de DeJean –, não apenas participaram da *Querelle* como também contribuíram para o enfraquecimento da doutrina classicista ao democratizarem o exercício da crítica aos leigos habitantes da *ville*.

Meu argumento repousa sobre a ideia de que a *Querelle* não contribuiu imediatamente para a relativização da doutrina classicista, mas foi fundamental na constituição da esfera moderna de avaliação de obras literárias. Trata-se, portanto, de certa modernidade ou antiguidade em qualquer um dos lados. Buscarei, a princípio, portanto, demonstrar que *Anciens* e *Modernes* não divergiam tanto no fundamento epistemológico de onde partiam na construção de seus argumentos, mas na forma através da qual compreendiam a si próprios enquanto críticos pertencentes à *République des Lettres*. Tornar-se-á possível, a partir disso, empreender uma análise da *Querelle* de modo a evidenciar a especificidade (modernidade ou antiguidade) de cada um dos lados no que diz respeito à constituição de uma esfera de julgamento literário moderna, sem que se cometa o erro de, por um lado, reduzir o problema a categorias sociológicas e, por

outro, escamotear anacronicamente a importância da doutrina classicista no desenvolvimento da disputa, conforme o fez DeJean. Em suma, partindo do ambiente institucional¹² onde a crítica era praticada – isto é, a Academia Francesa e a *République des Lettres* ela mesma –, buscarei demonstrar que a nova esfera pública contribuiu muito mais para uma modificação na figura do crítico e do seu lugar do que os fundamentos clássicos de que ele partia.

O AMBIENTE DA CRÍTICA EM LA MOTTE E DACIER

Buscando descrever a *République des Lettres* conforme se apresentava nos séculos XVII e XVIII, Fumaroli afirma que, de início, o *cinquecento* italiano substituiu o “modelo dialético da *quaestio* e da *disputatio* que articula o edifício escolástico” por um “diálogo de tipo retórico”:

É, com um leque muito mais variado de formas, outro regime do sujeito do conhecimento, de sua relação com os outros e com a verdade. [...] O diálogo de tipo retórico acadêmico é mais ‘aberto’ do que aquele que tende a substituir: tem, no entanto, uma disciplina própria, que impõe à comunidade dos participantes padrões de discurso e sociabilidade capazes de tornar possíveis a colaboração e controle. O tipo retórico de diálogo é mais parecido com os debates jurídicos do que com o formalismo lógico da disputa acadêmica.¹³

12. Sobre a institucionalidade da crítica, ver: HOHENDAHL. *The Institution of Criticism*.

13. Tradução minha. No original : “C’est, avec une gamme beaucoup plus variée des formes, un autre régime du sujet de la connaissance, de son rapport à autrui, et avec la vérité. [...] Le mode rhétorique du dialogue est plus ‘ouvert’ que celui qu’il tend à remplacer: il n’en a pas moins sa discipline propre, qui impose à la communauté des participants des normes de discours et de sociabilité capables de rendre possibles collaboration et contrôle. Le dialogue de type rhétorique est plus apparenté au débat juridique qu’au formalisme logique de la *disputatio* scolastique.” (FUMAROLI. *La République des Lettres*, p. 118).

Tais maneiras de sociabilidade dão origem ao “que ganhou o nome de *République des Lettres* [...] que faz existir uma sociedade dentro da sociedade ordinária”.¹⁴ Modifica-se, portanto, a partir do Renascimento, o estatuto do próprio crítico (*sujet de la connaissance*), dos seus pares e do trabalho conjunto. Duas são as palavras-chave para se compreender a nova sociabilidade republicana:

Uma é o *convivium*, e nos remete tanto ao arquétipo do “banquete” filosófico dos antigos, quanto à “última ceia” evangélica e apostólica (Bodas de Caná, Última Ceia, Emaús, Pentecostes). A outra é a *conversatio*, que é facilmente relacionada à precedente pela metáfora, recorrente já no *Convivio* de Dante, da palavra dos *auctores* como *panis*, *cibus*, comida e sua partilha como objeto privilegiado do banquete filosófico e espiritual.¹⁵

Fumaroli lembra com Spitzer¹⁶ a semântica histórica do prefixo latino *cum*: trata-se de uma adaptação ciceroniana da palavra grega *harmonia*. *Consonantia*, *convivium*, *concordia*, *concentus* e *consensus* são exemplos de vocábulos que transmitem ideias semelhantes. A respeito da *conversatio*, Fumaroli pontua que quando o vocábulo surgiu em latim,

[...] não significou apenas, como é o caso hoje em francês no final de uma longa erosão, “conversar com vários”, mas a

sociedade em que se tem suas raízes, seus hábitos, onde se sente “em casa”, entre “os seus”. Isso supõe gestos, um modo tácito de estar junto, e isso não exclui palavras, muito menos a festa do *convivium* [...].¹⁷

Ora, os gestos e a maneira tácita de “pertencer” ao grupo diz respeito exatamente à figuração do crítico no ambiente humanista. Trata-se, portanto, de um espaço de interação intelectual caracterizado por uma série de pressupostos cuja reprodução determina o pertencimento ou não dos seus agentes. Segundo o que vimos, a principal característica deste ambiente é a ênfase na coesão e na coletividade, epitomados pelo prefixo *cum* da *conversatio* e *convivium* enquanto *modus operandi* da *République*. Os críticos humanistas, enquanto figuras individuais, atuam, portanto, através de esforços inseridos num quadro maior de construção de conhecimento – a voz discursiva enunciada por um “nós” humanista mais antigo e transcendente em relação ao próprio crítico. Mais do que isso, tais esforços só adquirem seu sentido pleno quando encarados a partir do seu pertencimento à *République*, implicando, assim, a aceitação tácita da legitimidade atribuída historicamente aos julgamentos precedentes dessa coletividade. Essa é, em suma, a dinâmica da *autorictas* atribuída, por exemplo, a Homero, uma vez que sua aceitação como modelo do gênero épico é tão

14. Tradução minha. FUMAROLI. *La République des Lettres*, p. 119.

15. Tradução minha. No original: “L’un est *convivium*, et il nous renvoie à la fois à l’archétype du ‘banquet’ philosophique des Anciens, et à la ‘Cène’ évangélique et apostolique (Noces de Cana, Dernière Cène, Emmaüs, Pentecôte). L’autre est *conversatio*, qui se rattache aisément au précédent par la métaphore, récurrent déjà dans le *Convivio* de Dante, de la parole des auctores comme *panis*, *cibus*, nourriture et de son partage comme l’objet privilégié du banquet philosophique et spirituel.” (FUMAROLI. *La République des Lettres*, p. 146).

16. FUMAROLI. *La République des Lettres*, p. 146.

17. Tradução minha. No original: “[...] il ne signifiait pas seulement, comme c’est aujourd’hui le cas en français au bout d’une longue érosion, ‘entretien à plusieurs’, mais la société où l’on a ses racines, ses habitudes, où l’on se sent ‘chez soi’, parmi les ‘siens’. Cela suppose des gestes, une manière tacite d’être ensemble’, et cela n’exclut pas les paroles, ni à plus forte raison la fête du *convivium* [...]” (FUMAROLI. *La République des Lettres*, p. 146-147).

antiga quanto Aristóteles e não apenas sobreviveu como foi institucionalizada no Renascimento italiano e na versão francesa da *République des Lettres*. De modo que se delineia, assim, o objetivo geral não anunciado de reconstruir simbolicamente a “harmonia perdida”¹⁸ oriunda da Antiguidade Clássica.

A vida e a obra de Mme. Dacier pertencem a este contexto intelectual. Resumo com Fumaroli, brevemente, sua biografia e produção até o início da *Querelle sur Homère*:

Filha do grande filólogo da Academia de Saumur, Tanneguy Le Fèvre, ela foi desde 1674 uma colaboradora incansável de Pierre Daniel Huet na edição de clássicos gregos e latinos *Ad usum Delphini*. Nesta coleção, ela publicou uma edição anotada de *Florus*, em 1674, os sucessores gregos de Homero, Díctis de Creta e Dares da Frígia, em 1680, de Aurélio Victor em 1681, e Eutrópio em 1683. Por sua própria conta, ela publicou uma edição com a tradução latina de Calímaco, em 1675, uma tradução francesa com comentários de Anacreonte e Safo em 1681, três comédias de Plauto, em 1683, duas comédias de Aristófanes em 1684 e o teatro completo de Terêncio em 1688. Prodígio precoce de erudição, uma das raras exceções em seu sexo, ela causava admiração em toda a Europa. Ninguém fez tanto quanto ela para tornar presente em seu século o “bom gosto” da Antiguidade.

Sua tradução francesa de Homero foi o golpe final que ela queria dar, depois de um longo e poderoso ataque dirigido contra a ignorância e o desconhecimento da Antiguidade entre seus contemporâneos.¹⁹

Conforme dito, a tradução da *Iliada* realizada por Dacier gerou a reação de La Motte três anos depois, na forma de uma tradução “civilizadora” do texto homérico. Neste contexto, *Des causes de la corruption du goût*, texto central da *Querelle sur Homère*, nasce como resposta e no mesmo ano em que o *Discours sur Homère* fora publicado na forma de introdução à tradução de La Motte.

Embora possua esse título, Dacier só dedica as primeiras páginas do seu livro à indicação de fato do que ela julga se tratar de uma decadência do gosto francês. A maior parte do trabalho, ao contrário, busca replicar quase linha a linha o *Discours sur Homère* com citações e leituras específicas de pensadores que legitimaram Homero ao longo dos séculos no que dizem respeito às objeções apresentadas. No entanto, para responder à questão do lugar do crítico na *République des Lettres* e da eventual forma antiga ou moderna através da qual o problema se manifesta é preciso deter-se especificamente na *causa* dessa corrupção.

19. Tradução minha. No original: “Fille du grand philologue de l’Académie de Saumur, Tanneguy Le Fèvre, elle avait été depuis 1674 une infatigable collaboratrice de Pierre Daniel Huet dans l’édition des classiques grecs et latins *Ad usum Delphini*. Dans cette collection, elle avait publié une édition annotée de *Florus* en 1674, des continuateurs grecs d’Homère, *Dictys de Crète* et *Darès de Phrygie*, en 1680, d’*Aurelius Victor* en 1681, et d’*Eutrope* en 1683. Pour son propre compte, elle avait publié une édition, avec traduction latine, de *Callimaque*, en 1675, une traduction française avec commentaire d’*Anacréon* et de *Sappho* en 1681, de trois comédies de *Plaute* en 1683, de deux comédies d’*Aristophane* en 1684 et du théâtre complet de *Térence* en 1688. Prodige précoce d’érudition, une des rares exceptions dans son sexe, elle faisait l’admiration de toute l’Europe. Nul n’avait fait autant qu’elle pour rendre présent à son siècle le ‘grand goût de l’Antiquité’. Sa traduction française d’Homère était l’assaut final qu’elle avait voulu donner, au terme d’une longue et puissante attaque dirigée contre l’ignorance et la méconnaissance de l’Antiquité parmi ses contemporains.” (FUMAROLI. *Le sablier renversé*, p. 460-461).

18. FUMAROLI. *La République des Lettres*, p. 148.

20. Tradução minha. No original : “[...] après la renaissance des Lettres, on vit tout d’un coup s’élever des gens d’un savoir profond et d’un goût exquis, qui firent des ouvrages immortels, et qui ouvrirent le chemin aux autres.” (DACIER. *Des causes de la corruption du goût*, p. 22).

21. Tradução minha. No original: “Quand une fois une expérience sûre et souvent répétée a fait voir ce qui forme le goût il est sûr que la même expérience montrera toujours ce que c’est qui le corrompt et qui le gâte. Nous avons vu d’une manière convainquante que c’est l’étude des Grecs et des Latins qui nous a tiré de la grossièreté où nous étions; et nous allons voir que c’est l’ignorance et le mépris de cette même étude qui nous y replonge. En effet, on n’a pas eu plutôt négligé ces excellents originaux et les études qui en donnent seules l’intelligence, qu’on a vu des flots de méchants ouvrages inonder Paris et tout le Royaume. Mais il est important de voir par quelles degrés ce bon goût qu’on avoit eu tant de peine à former est retombé dans sa première barbarie, où si on n’y prend garde, il entrainera bientôt tous les arts.” (DACIER. *Des causes de la corruption du goût*, p. 23-24).

Dacier, ao situar tal decadência, afirma que “[...] após o renascimento das letras, de repente, vimos surgir pessoas de profundo conhecimento e bom gosto que fizeram obras imortais e abriram o caminho para os outros.”²⁰ Ao Renascimento, evento catalisador da cultura humanística, a erudita opõe a decadência das letras francesas do início do século XVIII; decadência esta metonomizada no gênero romanesco.

Quando uma vez uma experiência segura e frequentemente repetida faz ver o que forma o gosto, fica claro que a mesma experiência sempre mostrará o que o corrompe e o estraga. Vimos de maneira convincente que é o estudo dos gregos e latinos que nos tirou da grosseria em que estávamos; e veremos que é a ignorância e o desprezo desses mesmos estudos que nos leva de volta a ela. De fato, não mais negligenciamos esses excelentes originais, e os estudos que lhes dão inteligência, e vemos obras ruins inundarem Paris e todo o reino. *Mas é importante ver em que medida esse bom gosto, tão difícil de ser formado, recaiu em sua primeira barbárie*, para onde, se não tomarmos cuidado, em breve serão levadas todas as Artes.²¹ [grifos meus]

Os grifos inseridos no trecho possuem o objetivo de chamar a atenção para a dimensão coletiva do esforço civilizador do conhecimento humanístico. Não se trata apenas da leitura

dos clássicos, mas dos estudos empreendidos por sucessivas gerações que os tornam cada vez mais compreensíveis e, de alguma maneira, apropriados. Tais estudos formaram, o *bon goût* francês que Dacier busca defender da barbárie moderna.

A causa da corrupção é, na verdade, plural. Assim Dacier a resume, recuperando Quintiliano:

O autor do *Tratado sobre as Causas da Corrupção da Eloquência* afirma que três coisas contribuíram, sobretudo, para que ela [a eloquência] caísse no precipício em que estava em seus dias. A primeira, a má educação. A segunda, a ignorância dos professores. A terceira, a preguiça e a negligência dos jovens.²²

Sobre a primeira delas, afirma a autora que se trata, em suma, de um problema da fraca educação dada às crianças pelos pais, de modo que os estudantes se tornam incapazes de “qualquer coisa séria”. A respeito da segunda, Dacier pontua que os professores de seu tempo buscam fazer os estudantes “esquecerem o que sabem e ensinar o que [os professores] não sabem”. Por fim, quanto à terceira, a crítica diz que os alunos, “acostumados a divertimentos e a abandonar o esforço pelo prazer, [...] escapam de toda aplicação dolorosa e não trabalham para ouvir os autores, nem para aprender sobre a Antiguidade, nem para aprender a história dos homens, coisas, países e tempos.”²³

22. Tradução minha. No original: “L’auteur du *Traité des Causes de la Corruption de l’Eloquence* dit qui trois choses avoient surtout contribué à la faire tomber dans le précipice où elle était de son temps. La première, la mauvaise education. La seconde, l’ignorance des maîtres. Et la troisième, la paresse et la negligence des jeunes gens.” (DACIER. *Des causes de la corruption du goût*, p. 24).

23. DACIER. *Des causes de la corruption du goût*, p. 26.

Apreende-se dessas causas um elemento comum: o enfraquecimento da *autoridade* compreendida, aqui, de maneira mais ampla. Os pais, o professor e os mestres da Antiguidade são equiparados e a negligência moderna para com essas figuras resulta fatalmente na corrupção do gosto. Em decorrência dessas causas, Dacier ainda menciona duas outras – estas, sim, originais em relação a Quintiliano:

Mas ainda temos duas coisas que são peculiares a nós e que contribuem tanto quanto todo o resto para a corrupção do gosto. Uma são os espetáculos licenciosos que combatem diretamente a religião e a moral [...]. A outra são esses trabalhos insípidos e frívolos, dos quais falei no prefácio da *Ilíada*; esses falsos poemas épicos, esses romances insensatos que a ignorância e o amor produziram [...].²⁴

Dacier, portanto, atribui a causa da corrupção do gosto ao declínio da autoridade, somado aos seus efeitos colaterais mais nefastos: os espetáculos e os romances. O restante do livro buscará exatamente confrontar as afirmações de La Motte com comentários e interpretações a respeito dos mesmos temas, mas favoráveis ao poeta grego. Essa defesa se dará por meio de autores tão cronologicamente distantes quanto o próprio Aristóteles e Boileau. O importante, aqui, é sublinhar o destaque das interpretações

legitimadas historicamente na construção de uma visão geral de Homero. A seguinte passagem resume com precisão a compreensão de Dacier do papel do crítico no contexto da *République des Lettres*:

De um lado, um bando de escritores vis que disseram insultos a Homero. Entre os Antigos, um Protágoras, um Zoilo e alguns outros, dos quais nem sequer sabemos os nomes, e que só conhecemos pelos escritos daqueles que mostram a impertinência de suas censuras; e entre os nossos Modernos estão três ou quatro maus poetas e críticos ainda piores, que, ao descreverem Homero e os escritores mais respeitáveis, quisera se vingar do desprezo que o público tem por seus trabalhos. E do outro lado, vemos todos os mais respeitáveis da Antiguidade de Homero até hoje, todos os maiores personagens, acordarem sobre o mérito do poeta e admirarem a beleza dos seus poemas.²⁵

De modo que a autora cita – a primeira de muitas vezes –, adiante, os autores que louvaram a qualidade poética de Homero ao longo da História: Aristóteles, Cícero, Dionísio de Halicarnasso, Longino, Plutarco e “une infinité d’autres”.²⁶

A legitimidade histórica de Homero herdada pela *République des Lettres* de Mme. Dacier anuncia, portanto, a

24. Tradução minha. No original : “Mais nous avons encore deux choses qui nous sont particulières et qui contribuent autant que tout le reste à la corruption du goût. L’une, ce sont ces spectacles licentieux qui combattent directement la religion et les moeurs [...]. L’autre, ce sont ces ouvrages fades et frivoles dont j’ai parlé dans la préface sur l’*Ilíade*, ces faux poèmes épiques, ces romans insensés que l’ignorance et l’amour ont produits [...]” (DACIER. *Des causes de la corruption du goût*, p. 27-28).

25. Tradução minha. No original: “D’un côté sont un tas de vils écrivains qui ont dit des injures à Homère. Parmi les anciens un Protágoras, un Zoile et quelques autres dont on ne sait pas même les nomes, et que l’on ne connaît que par les écrits de ceux qui ont fait voir l’impertinence de leurs censures; et parmi nos modernes trois ou quatre méchants poètes et plus méchants critiques qui en decrifiant Homère et les écrivains les plus respectés, ont voulu se venger du mépris qui le public a pour leurs ouvrages. Et de l’autre côté on voit ce qu’il y a de plus respectable dans l’Antiquité depuis Homère jusqu’à nous, tous les plus grands personnages qui d’un commun accord relèvent le mérite d’Homère et admirent la beauté de ses poèmes.” (DACIER. *Des causes de la corruption du goût*, p. 46).

26. DACIER. *Des causes de la corruption du goût*, p. 51.

(auto)imagem do crítico humanista conforme concebido desde o Renascimento, isto é, um sujeito pertencente a uma comunidade intelectual que representa a um só tempo todas as vozes históricas legitimadoras. Mais que isso, ela *espera* dos colegas de *République* a mesma postura. O espanto e as ofensas de Dacier contra La Motte indicam este fato com precisão. A erudita afirma com frequência, por exemplo, que seu adversário se vale, em crítica, de noções “femininas”, “burguesas” ou, muito mais frequentemente, “romanescas”. Os três adjetivos, embora não atuem de maneira absoluta na definição do crítico humanista, indicam, em grande medida, o que significava destoar da legitimidade histórica atribuída a Homero. Significava, em último caso, ser expulso simbolicamente da *République des Lettres* na sua forma mais tradicional, epitomada em ideias “masculinas”, “aristocráticas” e “clássicas”.

A postura de La Motte é radicalmente diferente. Buscando defender-se pessoalmente dos ataques de Dacier, o crítico afirma, referindo-se à erudita, que

[...] esses tipos de sábios reprovam cinco ou seis ignorantes da nossa época por terem desprezado os Antigos, mas esses cinco ou seis ignorantes não os desprezaram. Eles [os últimos] apenas condenaram a estima e as espécies de idolatria direcionadas a eles: queriam que a justiça fosse feita

em todos os momentos, que a beleza fosse sentida por todos onde quer que se esteja, sem a aceitação dos séculos, e que não façam os modernos de outra maneira que os antigos.²⁷

A “espécie de idolatria” a que se submete o intelectual humanista tradicional o impede de perceber os eventuais defeitos de autores clássicos quando confrontados com uma *raison*, por assim dizer, independente. As *Réflexions sur la critique* atuam, portanto, como uma espécie de manifesto contra a crítica conforme praticada no contexto francês da *République des Lettres* desde o Renascimento – isto é, marcada pela reiteração sistemática e enunciação coletiva de certas interpretações da Antiguidade e, mais recentemente, dos humanismos da Itália e da própria França.

Nesse sentido, La Motte realiza uma distinção que ilustra programaticamente o objetivo da crítica segundo sua concepção:

Se, por exemplo, um homem que conhece várias línguas, que compreende autores gregos e latinos, que até se eleva à dignidade do escolástico; se esse homem viesse a pesar seu verdadeiro mérito, ele frequentemente acharia que se reduziu a ter olhos e memória, e teria o cuidado de não dar o respeitável nome da ciência a uma erudição sem luz. Há uma grande diferença entre lembrar e julgar, entre enriquecer-se com

27. Tradução minha. No original: “[...] ces sortes de savants reprochent à cinq ou six ignorans de nôtre siècle d’avoir méprisé les anciens; mais ces cinq ou six ignorans n’ont point méprisé les anciens ; ils ont seulement condamné l’estime outrée et l’espece d’idolatrie, où l’on tombe à leur égard: ils ont voulu qu’on rendît justice à tous les temps, que l’on sentît le beau par tout où il est, sans acception de siècles, et qu’on ne fit pas les modernes d’une autre espèce que les anciens.” (LA MOTTE. *Réflexions sur la critique*, p. 14).

28. Tradução minha. No original: “Si, par exemple, un homme qui sait plusieurs langues, qui entend les auteurs grecs et latins, qui s’éleve même jusqu’à la dignité de scholiaste; si cet homme venoit à peser son véritable mérite, il trouveroit souvent qu’il se réduit à avoir eu des yeux et de la mémoire, il se garderoit bien de donner le nom respectable de science à une érudition sans lumière. Il y a une grande différence entre se souvenir et juger, entre s’enrichir de mots ou de choses, entre alleguer des autoritez ou des raisons. Si un homme pouvoit se surprendre à n’avoir que cette sorte de mérite, il en rougiroit plutôt que d’en être vain.” (LA MOTTE. *Réflexions sur la critique*, p. 13-14).

29. Tradução minha. No original: “J’avertis ici Mme D. qu’elle a une idée fausse de l’académie française. Elle la regarde apparemment comme un tribunal tyrannique qui ne laisse pas la liberté des jugements en matière d’ouvrages d’esprit; elle croit que l’admiration religieuse des anciens, en est une loi fondamentale, et qu’en y entrant on lui prête serment de fidélité à cet égard. Ce n’est point là l’esprit d’une assemblée de gens de lettres, et l’academie ne tend à l’uniformité que par voie d’éclaircissement, et non pas par voie de contrainte.” (LA MOTTE. *Réflexions sur la critique*, p. 46-47).

palavras ou coisas, entre alegações de autoridade ou razões. Se um homem pudesse se surpreender por ter apenas esse tipo de mérito, ele se enveronharia em vez de se envaidecer.²⁸

A “erudição sem luz” parte do conhecimento enciclopédico *tout court* sem implicar uma postura de *agente* no empreendimento da crítica. Tal forma de humanismo não passa, para La Motte, de uma “lembrança” ou de uma “memória” erudita, e não se relaciona diretamente com a utilização de uma razão metódica. Para o crítico, esse tipo de memória institucionalizou-se numa imagem incorreta da Academia Francesa, endossada, por exemplo, por Boileau e pela própria Dacier:

Eu aviso a Mme D. que ela tem uma falsa ideia da Academia Francesa. Ela a encara aparentemente como um tribunal tirânico que não deixa a liberdade de julgamentos em questões de obras intelectuais; ela acredita que a admiração religiosa dos antigos é uma lei fundamental, e que ao entrar nela, jura-se fidelidade a esse respeito. Este não é o espírito de uma assembleia de homens de letras, e a academia tende à uniformidade apenas por meio da iluminação, e não por constrangimento.²⁹

Cabe lembrar, no entanto, que La Motte não se posiciona *necessariamente* contra a instituição de autoridades críticas ou poéticas:

Sua autoridade ainda permanece em toda a sua força, e eu a subscrevo, já que só podemos conhecer através deles [dos antigos]. Não é o mesmo quando seu julgamento se estende além dos fatos, e eles se pronunciam sobre coisas cuja razão comum é o árbitro. Admito que o nome de um estimado autor é uma vantagem preconceituosa para o que ele dirá; mas assim que ele diz uma única vez, seu nome não me dirá mais nada, e eu devo apenas pesar suas razões independentemente da reputação do autor. Se vejo claramente que ele está enganado, logo o abandono sem escrúpulos.³⁰

Diante disso, é preciso sublinhar que La Motte não compreendia a atividade do crítico conforme Habermas e, no caso da *Querelle*, Joan DeJean afirmam ter sido praticada desde o fim do século XVII até o início do século XVIII, isto é, a partir de uma esfera pública literária. Isso porque esta, no contexto do estudo destes autores, é determinada pela disseminação dos elementos legitimadores que definem um crítico a um público *virtualmente leigo*: a família burguesa. Terry Eagleton, ao comentar o estudo do filósofo alemão, afirma que

[...] a esfera “íntima” não faz parte da esfera pública [...], mas fornece, no entanto, uma fonte vital de impulsos e energias para essa arena mais pública. [...] Pois a esfera pública do século XVIII tematiza e consolida formas de subjetividade

30. Tradução minha. No original: “Leur autorité demeure encore dans toute sa force, et j’y souscris, puisque nous ne le pouvons savoir que par eux. Il n’en est pas de même, quand leur jugement s’étend au delà des faits, et qu’ils prononcent sur des choses dont la raison commune est l’arbitre. J’avoue que le nom d’un auteur estimé, est un préjugé avantageux pour ce qu’il va dire; mais dès qu’il l’a dit une fois, son nom ne me fait plus rien, je n’ai plus qu’à peser ses raisons indépendamment de la réputation de l’auteur, et si je vois clairement qu’il se trompe, je l’abandonne aussi-tôt sans scrupule [...]” (LA MOTTE. *Réflexions sur la critique*, p. 49).

que têm suas raízes no mundo doméstico. Esse mundo gera novas formas de subjetividade, nas palavras de Habermas, “publicamente orientadas” [...].³¹

Observa-se em La Motte, ao contrário, uma concepção de crítica ainda profundamente enraizada no contexto da *République des Lettres*, e, portanto, restrita aos círculos especializados na produção de conhecimento humanístico. Modifica-se, por outro lado, a forma através da qual é feita essa produção. Nesses termos, a *République* em La Motte assemelha-se à descrita por Pierre Bayle, tido por Reinhart Koselleck como o ponto de inflexão na transição para a modernidade crítica a partir da esfera de julgamento literária:

É a liberdade que reina na República das Letras. Essa República é um Estado extremamente livre. Nele só se reconhece o império da verdade e da razão; e, sob os auspícios delas, trava-se guerra inocentemente contra quem quer que seja. Os amigos têm que proteger-se dos amigos, os pais dos filhos, os sogros dos genros: é como um século de ferro. [...] Ali, todos são soberanos e podem ser julgados por todos.³²

Nota-se, portanto, uma mudança no próprio lugar e na atitude de quem julga, bem como na sua relação com os

pares. Se, antes, tal relação era definida segundo a *conversatio* humanista, aqui o “império da verdade e da razão” obriga o crítico a tornar-se seu próprio soberano.

Falei, acima, de “transição” para a modernidade porque o conceito de esfera pública literária sugere uma desespecialização da crítica no seu processo de publicização.³³ A *Querelle*, justamente por se circunscrever à Academia e à *République des Lettres*, não pertence a esse domínio em sua totalidade, pois não acarretou o abandono dos fundamentos críticos do classicismo. O ataque aos objetos da crítica, em La Motte, deve ser independente de sua domesticação coletiva pelos humanistas numa forma acabada e definitiva, mas deve partir do que o autor compreendia como *raison*. Este termo é invariável e assumidamente atravessado pela doutrina clássica.

Isso se faz claro, por exemplo, nos ataques moralistas reverberados por La Motte em relação a Homero. Trata-se de uma “horacização” da *Poética* aristotélica bastante comum no contexto intelectual francês do século XVII.³⁴ Sua crítica é, desta forma, independente da *République des Lettres*, mas é paradoxalmente devedora dos critérios endossados por ela e inaugurados pelas figuras fundadoras do pensamento literário ocidental. Buscando responder à acusação de Dacier

31. Tradução minha. No original: “[...] [t]he ‘intimate’ sphere is not part of the public sphere [...] but it provides, nonetheless, a vital source of impulses and energies for that more public arena. [...] For the eighteenth-century public sphere thematizes and consolidates forms of subjectivity which have their root in the domestic world. That world generates new forms of subjectivity which are, in Habermas’s phrase, ‘publicly oriented’ [...].” (EAGLETON. *The function of criticism*, p. 115).

32. Tradução minha. No original: “C’est la liberté, qui règne dans la République des Lettres. Cette République est un état extrêmement libre. On n’y reconoit que l’empire de la vérité et de la raison; et sous leurs auspices on fait la guerre innocemment à qui que ce soit. Les amis s’y doivent tenir en garde contre leurs amis, les pères contre leurs enfants, les beaux -pères contre leurs gendres: c’est comme en siècle de fer [...]. Chacun y est tout ensemble souverain, et justiciable de chacun.” (CATIUS. *Dictionnaire Historique et Critique*, 1720 apud KOSELLECK, *Crítica e crise*, p. 97).

33. Nesse sentido, conviria situar o modo como La Motte compreende seu ofício entre o ambiente da crítica humanista e a esfera pública literária moderna. Hohendahl realiza uma história da esfera pública na crítica literária e menciona, como um momento de transição, a utilização do conceito de *gosto* [taste] por David Hume. Hume, em seu *On the standart of taste*, de 1757, internaliza e restringe, num só gesto, a atividade crítica, ao admitir a subjetividade do gosto mas atribuir sua correta utilização apenas aos círculos de eruditos cuja prática [*practice*] e comparação [*comparison*] com diversas obras garantem ao juízo sua legitimidade. Ver: HOHENDAHL. *The Institution of Criticism*.

34. A respeito disso, ver: GILBERT; SNUGGS. *On the relation of Horace to Aristotle in Literary Criticism*.

de que ele baseara seus argumentos a partir de apenas dois autores, a saber, Desmarests e Perrault, La Motte responde:

Quem acreditasse em Mme D imaginaria que dos dois retratos que faço de Homero, o retrato lisonjeiro é obra dos maiores homens da antiguidade e que peguei emprestadas as características do retrato crítico apenas de Desmarests e do Sr. Perrault. Tratar-se-ia de uma má interpretação. Eis a lista de quem forneceu a matéria para o meu quadro crítico: Platão, Pitágoras, Filóstrato, Dionísio de Halicarnasso, Luciano, Plutarco, Crisóstomo, Cícero, Horácio, seitas inteiras de filósofos e os antigos pais da igreja; e entre os modernos, Erasmo, Júlio César Scaliger, S. Evremont, Sr. Bayle e o padre Rapin [...]. Eu olho todo o caminho e fico quase orgulhoso desse conjunto de autoridade; mas não devemos nos dar por aquilo que não somos. Eu os colhi apenas para a necessidade atual; e é apenas uma doutrina passageira, que, aparentemente, mais cedo ou mais tarde me escapará.³⁵

La Motte afirma, portanto, ter derivado seus argumentos no *Discours sur Homère* de autores legitimados pela própria adversária. Além disso, destaca que sua utilização desse aparato crítico e filosófico só se justifica na medida em que atende a uma “necessidade presente” solicitada pelo próprio objeto de que ele se ocupou, isto é, pela *Iliada*, e que,

por fim, não se apega definitivamente a ele. Trata-se, no fundo, de uma tentativa de avaliação independente – isto é, sem que o peso das outras vozes antigas e modernas da *République des Lettres* interfira de algum modo – da obra de Homero sem que, no entanto, o cânone classicista seja abandonado. Ao contrário, ele é internalizado e utilizado convenientemente sem que o apego a tais fundamentos turve a *raison* metódica a partir de que a crítica é colocada em atividade. Em suma, o gesto crítico, em La Motte, pertence à transição para o ambiente moderno e, simultaneamente, preserva suas raízes classicistas, na medida em que simboliza uma mudança na *République* clássica, conforme descrita acima, redefinindo a posição do crítico em relação à sua tradição – sem valer-se, portanto, do “nós” humanista –, mas sem que isso mobilize, de maneira causal, um aparato teórico diferente do que ali se impunha: o classicismo.

CONCLUSÃO

Deve-se justamente a esse entre-lugar a dificuldade em estabelecer a modernidade dos *Modernes* na historiografia da crítica. Se, como demonstra corretamente Norman e Lacerda, os fundamentos a partir dos quais Perrault, Fontenelle e La Motte se posicionavam diferiam apenas em grau em relação aos seus adversários, não há modernidade alguma nas suas ideias – sobretudo se essa modernidade

35. Tradução minha. No original : “Qui en croiroit Mme D on s’imagineroit que des deux portraits que je fais d’Homere, le portrait flatteur est l’ouvrage des plus grands hommes de l’antiquité; et que j’ai emprunté les traits du portrait critique, seulement de Desmarests et de Mr Perrault. On se méprendroit fort; voici à peu près la liste de ceux qui m’ont fourni la matière de mon tableau critique. Platon, Pitagore, Joseph, Philostrate, Denis D’Halicarnasse, Lucien, Metrodorus De Lampsaque, Plutarque, Dion Chrysostome, Ciceron, Horace, des sectes entières de philosophes et les anciens pères de l’église; et parmi les modernes, Érasme, Jules Cesar Scaliger, S. Évremont, M. Bayle, et le Père Rapin, sans compter ceux dont on se plaît un peu trop à décréditer les noms. J’ai tout l’air d’un savant, et je m’enorgueillis presque de cet assemblage d’autoritez ; mais il ne faut point se donner pour ce qu’on n’est pas. Je ne les ai recueillis que pour le besoin présent; et ce n’est qu’une doctrine de passage, qui apparemment m’échaperá bientôt.” (LA MOTTE. *Réflexions sur la critique*, p. 96).

for definida pela relativização da doutrina clássica. Isso porque, conforme dito, todos partiam dos mesmos *corpora* textuais característicos da *episteme* classicista. Mas se, por outro lado, a modernidade crítica é definida a partir do estabelecimento de um *ambiente* no qual a voz enunciativa do crítico é, por assim dizer, apartada das avaliações que a precedem – isto é, constituindo uma esfera independente de julgamento de obras literárias, conforme localizada por Habermas no decorrer do século XVIII –, então os *Modernes* podem ser considerados, enfim, como pertencentes (ou, ao menos, precursores) da crítica moderna.

À guisa de conclusão, é preciso destacar que tal ambiente diz respeito, a princípio, tão somente à forma através da qual a crítica é empreendida e não, por assim dizer, ao seu conteúdo – o fundamento. Segundo minha avaliação, é justamente este o problema de *Ancients against Moderns*, de Joan DeJean. A autora americana observa argutamente a criação de uma nova esfera de julgamento das obras literárias na *Querelle*, mas atribui a ela, de maneira causal, e em razão da des-especialização da crítica habermasiana, o enfraquecimento da doutrina classicista – indo de encontro, portanto, ao estudo de Norman. Não percebe, assim, que a modernidade dos *Modernes* é marcada, de maneira indelével, justamente por essa grande ambiguidade.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. La Cour et la Ville. In: AUERBACH, E. **Ensaio de Literatura Ocidental**. Trad. Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2007.

DACIER, Anne Lefebvre. **Des Causes de la corruption du goût**. Paris: Rigaud, 1714.

DEJEAN, Joan. **Ancients against Moderns**. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FUMAROLI, Marc. **La querelle des Anciens et des Modernes – xvii-xviii siècles**. Paris: Gallimard, 2001.

_____. **Le sablier renversé**. Paris: Gallimard, 2013.

_____. **La République des Lettres**. Paris: Gallimard, 2015.

GILBERT, Allan H.; SNUGGS, Henry L. On the relation of Horace to Aristotle in Literary Criticism. **The Journal of English and Germanic Philology**, v. 46, n. 3, Jul. 1947, pp. 233-247.

HABERMAS, Jürgen. **Mudanças estruturais na esfera pública**: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

HOHENDAHL, Peter Uwe. **The Institution of Criticism**. Ithaca: Cornell University Press, 1982.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e crise**: uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

LA MOTTE, Houdar de. **L'Illiade avec un discours sur Homère**. Paris: Grégoire Dupuis, 1714.

_____. **Réflexions sur la critique**. Paris: Du Puis, 1715.

LACERDA, Sônia. **Metamorfoses de Homero**: História e antropologia na crítica setecentista da poesia épica. Brasília: Editora UnB, 2003.

NORMAN, Larry F. **The Shock of the Ancient**: Literature & History in Early Modern France. Chicago: University of Chicago Press, 2011.

SÁ JÚNIOR, Luiz César. A querela dos antigos e modernos: panorama historiográfico. **Antíteses**, v. 9, n. 18, jul./dez. 2016., p. 494-515.

Recebido em: 17-05-2019.

Aceito em: 03-06-2019.